

Boletim dos Associados do IPB

# laps

Agosto | 2026

BOLETIM #7



Instituto  
de Psicanálise  
da Bahia

ASSOCIADO AO CAMPO FREUDIANO (PARIS)





# laps #7

FOTO: ISABELA BUGMANN



**Joice Faria** é pesquisadora do campo literário brasileiro e **Juliana Timbó** é marceneira e artista visual, juntas elas orientam o projeto **EM CAIXA TEMPO**, uma oficina artístico-literária que propõe a criação de livros-objetos a partir da demolição de escritas autorais.

+ informações em: @timboatelier



FOTO: ISABELA BUGMANN



Autoria do livro-objeto **Cacofonia interior** e ensaio fotográfico ao longo do boletim: **Kako Arancibia**

Assistência de produção:  
**Johnnie Reis e Fabiano Gusmão**

## BOLETIM DOS ASSOCIADOS DO INSTITUTO DE PSICANÁLISE DA BAHIA Laps – Agosto 2026

Av. Anita Garibaldi, 1211.

Ed. Central Pinheiro. Ondina.

CEP 40170.130. Salvador, Bahia.

+55 71 9391-0304 – contateipb@gmail.com

<http://www.institutopsicanalisebahia.com.br>

### EDITORIA:

Liliane Sales

### CONSULTOR:

Pablo Sauce

### CONSELHO EDITORIAL:

Bernardino Horne

Carla Fernandes

Jordan Gurgel

Luiz Felipe Monteiro

Ethel Poll

Pablo Sauce

### COMISSÃO DE REDAÇÃO E REVISÃO:

Graziela Pires

Jaine Porto

Júlia Jones

Leila Mignac

Liliane Sales

Raíssa Silveira

Raphael Gadelha

Raquel Matias

Wilker França

### DESIGN GRÁFICO:

Kako Arancibia | Estúdio Mosaiko



## Editorial

# GOZO

por *Liliane Sales - Editora do Boletim Laps*

Este número do **Boletim Laps** nasce especialmente a partir dos ecos do último Congresso Mundial de Psicanálise, a saber, “A relação sexual não existe”. Mais precisamente da provocação de Miller, quando disse: “**o gozo não se reduz, ele se desloca, faz metonímia**”.

A provocação do deslocamento de gozo nos faz pensar a clínica hoje. Assim, levamos aos colegas associados do IPB essa ressonância, a fim de responder a questão, dando seu relato a partir do seu percurso dentro do tripé da formação analítica.

Nesta edição, contamos com o texto de **Raphael Gadelha** que levanta a pergunta se o gozo, ao mesmo tempo, se reduz e não se reduz. **Raquel Matias** nos lembra um aforisma de Lacan: “somente o amor faz o gozo condescender ao desejo”. Por fim, **Ligia Amorim** traz a perspectiva do apetite do olho, que ocupa cada vez mais um lugar central na economia de gozo.

Na psicanálise de orientação lacaniana, o gozo opera sempre no campo da iteração. Portanto, não se resume ao desejo, ao falo e nem ao objeto a. Com o avanço do ensino de Lacan, especialmente no Seminário Mais, ainda, o gozo aponta para o real e para a inexistência da relação sexual.

Na dimensão amorosa, há um véu de sentido sobre o gozo: o amor apenas recobre o impossível de suportar, mas não o anula. Posto que o amor é narcísico e que o que nos faz apaixonar é o fantasma, é este quem cria o roteiro de desejo. Amamos através do roteiro fantasmático do sujeito dividido. Aí está a solidão do gozo, onde não há reciprocidade.

E ainda temos nesse boletim o auxílio luxuoso do livro-objeto do nosso designer gráfico **Kako Arancibia**. Em que, com suas peças soltas podemos montar significantes daquilo que escapa. Que esse objeto/Boletim sirva de desejo para a leitura. ❖



# O gozo não se reduz e se reduz

por *Raphael Gadelha*  
associado ao IPB-BA

A partir da afirmação de Miller de que “o gozo não se reduz”, proponho sustentar que é possível afirmar, simultaneamente, que o gozo se reduz e não se reduz.

Inicialmente, recorro a Bernardino Horne, que aponta para a mutação quantitativa de gozo como aspecto central do tratamento analítico: “a mutação é fundamentalmente uma passagem de gozo excessivo para desejo, a partir da produção de amor, que é uma das consequências de uma análise” (Horne, 2022, p. 43). Horne acrescenta que no início de uma análise, o sujeito chega com um *sinthoma* (+++) e ao final sai com um *sinthoma* (++-).

A perspectiva de Horne contradiz a fala de Miller? Entendo que Horne aponta que há gozo que se reduz, mas não penso que isso seja antônimo de dizer que o gozo não se reduz, pois é possível compreender a fala de Bernardino Horne a partir de uma economia do gozo.







Gerardo Arenas (2017) propõe pensar o gozo a partir de uma perspectiva econômica. Uma economia é “aquilo que admite redistribuições cuja soma se mantém constante” (Arenas, 2017, p. 53). A partir do nó borromeano, Arenas fundamenta que a área de cada setor do nó é proporcional ao gozo correspondente.  $JA + J\phi + JS = \text{constante}$ . Ou seja, “Quando um dos gozos aumenta em certa medida, a soma dos outros dois deverá se reduzir em idêntica proporção” (Arenas, 2017, p. 53).

No início de uma análise, há uma irrupção do gozo fálico e, consequentemente, um aumento do gozo do sentido e uma diminuição do gozo da vida. Frente a isso, aponta Arenas, “o processo de uma análise deveria reduzir o gozo do sentido [...] e o gozo fálico [...] para maximizar, como consequência, o gozo da vida” (Arenas, 2017, p. 61). Nessa perspectiva, portanto, há redução de gozo, mas uma redução sempre relativa em que a quantidade de gozo do sistema permanece constante.

Diante do exposto, sustento ser possível dizer, simultaneamente, que há redução e que não há redução de gozo. Não acredito que as articulações de Horne e Arenas se contrapõem, necessariamente, à tese de Miller. Dentro de uma perspectiva econômica do gozo, é possível dizer que uma modalidade de gozo se reduz de forma relativa, alterando a distribuição do nó. Portanto, penso que podemos interpretar que a fala de Miller aponta para a inalterabilidade do *quantum* total do sistema. ❖

#### Referências

- ARENAS, G. *Pasos hacia una economía de los goces*. Buenos Aires: Grama, 2017.
- HORNE, B. O mistério. In: HORNE, B.; GURGEL, I. (orgs.). *O Campo Uniano: o último ensino de Lacan e suas consequências*. Salvador: Ares, 2022. p. 35-52.





EU

HE

CONFIN

AS

PALAVRAS

QUE

QUEIMO





# O que o amor supõe saber sobre o gozo?

por *Raquel Matias*  
associada ao IPB-BA

Quando Jacques-Alain Miller afirma que “o gozo não se reduz, ele se desloca, faz metonímia”, talvez possamos escutar nessa formulação algo que a psicanálise já sabia desde que Lacan se deteve, durante um ano inteiro de seu ensino, sobre um banquete ocorrido há mais de dois mil anos.

Há algo paradoxal no gozo, pois mesmo estando fixado a um objeto, não suporta permanecer no mesmo lugar.

A experiência analítica testemunha disso. O sujeito chega à análise inteiramente tomado por uma modalidade singular de gozo, convencido, muitas vezes, de que é justamente dela de que precisa se livrar. Mas Freud já nos advertia que a pulsão não conhece a renúncia. Nada



no tratamento analítico parece autorizar a promessa de um sujeito finalmente “desgozado”.

O que se desloca, então?

Lacan nos oferece uma indicação preciosa ao afirmar que “somente o amor permite ao gozo condescender ao desejo”. Trata-se de uma das mais belas formulações sobre a política do tratamento analítico. A escolha do verbo é preciosa. Lacan não diz que o amor transforma o gozo em desejo, tampouco que o desejo triunfa sobre o gozo. O gozo condescende. Ele consente em deslocar-se.

Talvez seja precisamente essa uma das maneiras de ler a política da direção do tratamento.

Mas é preciso perguntar: de que amor se trata?

No *Banquete*, Alcibíades acredita amar em Sócrates um tesouro escondido, um agalma que supõe existir sob a aparência do filósofo. Sócrates, entretanto, recusa ocupar esse lugar. Aquilo que Alcibíades ama não está nele. O amor, desde sua origem, revela-se amor ao objeto perdido.

Lacan extrairá daí uma das definições mais radicais do amor: amar é dar o que não se tem.

O osso do amor é feito de supor que o Outro sabe sobre isso que me escapa.

Talvez por isso o amor seja, ele próprio, uma experiência de deslocamento. Ama-se sempre para além daquele que se ama. O objeto do amor nunca se deixa capturar pelo semelhante que o encarna provisoriamente. Há nele algo que insiste em escapar.

Se podemos afirmar que o gozo faz metonímia, talvez seja porque o amor a inaugura. Sócrates nos ensina que é precisamente porque esse objeto não está nele que o amor pode operar.

Na experiência analítica, o amor de transferência constitui a primeira incidência desse deslocamento. Aquilo que se encontrava condensado no sintoma pode encontrar um destino no desejo de saber. Mais adiante, esse desejo pode deslocar-se novamente, encontrando na transferência de trabalho, na escrita, na Escola ou nas invenções singulares do sujeito novas modalidades de circulação libidinal.

Não se trata da redução do gozo, mas de seus destinos.

Uma análise não produz um sujeito menos “gozante”. Produz, quando algo de uma análise se realiza, a possibilidade de que o sujeito já não esteja obrigado a permanecer escravo a uma única forma de satisfação.

Talvez seja essa a delicadeza da proposição de Miller. O gozo não se reduz porque aquilo que está em jogo na experiência analítica não é uma operação de perda, mas uma política dos deslocamentos.

O amor sabe disso desde sempre. Ele jamais encontrou seu objeto sem, ao mesmo tempo, o perder.

E talvez seja precisamente por isso que somente ele possa permitir ao gozo a elegante arte de consentir entrar na dança da vida o desejo. ❖

## Referências

FREUD, S. Pulsões e seus destinos. (1915) In: FREUD, S. *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 51-80. (Obras completas, 12)

HORNE, B. O mistério. In: HORNE, B.; GURGEL, I. (orgs.). *O Campo Uniano: o último ensino de Lacan e suas consequências*. Salvador: Áres, 2022. p. 43.

LACAN, J. *O seminário, livro 8: A transferência*. (1960-1961) Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução: Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992. p. 40 e 70.

LACAN, J. *O seminário, livro 10: A angústia*. (1962-1963) Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

MILLER, J.-A. Há, não há. In: *Scilicet: Não há relação sexual*. Paris: Associação Mundial de Psicanálise, 2026.







# Do olhar velado ao olho absoluto: a metonímia do gozo na contemporaneidade

por *Ligia Amorim*  
associada ao IPB-BA



**“Ver ou ser vista?”** Assim interrogava uma menina de dez anos em atendimento clínico. Sua pergunta parece condensar uma questão própria da clínica contemporânea. Entre o desejo de olhar e o de ser olhada, o objeto olhar ocupa um lugar cada vez mais central na economia do gozo.

A clínica contemporânea mostra que o declínio da autoridade paterna não implica uma diminuição do gozo. Como afirma Jacques-Alain Miller, o “gozo não se reduz; ele se desloca, faz metonímia”. O enfraquecimento do Nome-do-Pai modifica suas formas de circulação e seus modos de tratamento, sem suprimi-lo.

Em *El ojo absoluto*, Gérard Wajcman descreve uma cultura marcada pela visibilidade permanente, na qual tudo tende a ser mostrado, registrado e visto. Não se trata apenas da proliferação das imagens, mas da constituição de um regime em que o olhar parece não conhecer interrupção.

Essa hipótese encontra um importante antecedente no ensino de Lacan. No Seminário 10, ao introduzir o objeto olhar, ele evoca o Buda de olhos semicerrados, cuja serenidade é inquieta justamente porque seu olhar não se oferece ao espectador. Já no Seminário 11, ao distinguir o olho do olhar, Lacan mostra que o



sujeito não apenas olha: ele é também capturado pelo olhar como objeto, instaurando uma relação íntima entre o olhar, o objeto e a angústia.

Talvez seja justamente nesse ponto que a formulação de Miller ganhe toda a sua força. Não surgem novos objetos pulsionais, mas a cultura contemporânea multiplica os dispositivos que colocam o olhar em circulação. Telas, câmeras, redes sociais e outras formas de exposição tornam-se suportes privilegiados desse objeto.

A contemporaneidade parece ter encontrado no objeto olhar um circuito privilegiado para a circulação do gozo. Nesse sentido, a fala de Miller permite ler o percurso do objeto olhar como um dos modos privilegiados pelos quais o gozo continua a insistir, agora sob novas formas de visibilidade. ❖

## Referências

LACAN, J. *O seminário, livro 10: A angústia*. (1962-1963) Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

LACAN, J. *O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. (1964) Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução: M. D. Magno. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

WAJCMAN, G. *El ojo absoluto*. Buenos Aires: Manantial, 2011.







laps

